

A imagem do mundo de acordo com os cristãos I

penitam que faça um salto de aproximadamente 1200 anos a partir da última quarta-feira, que deixe para trás os videntes semi lendários dos mistérios oríficos na Trácia e na Phrygia, que abandone os profetas do Senhor na areia ardente do deserto sinaico e que aterrise com o eixo do tempo, com a fantasia mil e duzentos anos mais tarde, no mundo que era berço do cristianismo. Para alguém quem, como eu, vive procurando a fé sem jamais alcança-la, é e continua ser um fenômeno incompreensível, a despeito de todas explicações razoáveis a história do nascimento e da expansão das religiões da humanidade. Vejam, por exemplo, a história do buddhismo. Como, em poucas centenas de anos, as visões íntimas de um yogin decepcionado pelo yoga se espalharam a partir dos pés do Nepal para tomar conta de centenas de milhões de pessoas, derrubando culturas antigas, construindo novas, aniquilando e criando impérios, modificando sociedades, alterando a face da terra. Ou vejam o avanço das tropas do profeta, as quais, inspiradas nas palavras um tanto obscuras que o arcanjo gabriel sussurrou no ouvido de Mohammed, em poucas dezenas de anos transformaram o imenso império persa em centro da fé islâmica, reduziram Bizâncio milenar a impotência, plantaram a estandarte da lua crescente bem no coração dos territórios tanto dos bárbaros mongólicos como dos bárbaros francos e desta forma modificaram definitivamente toda história da humanidade. Não são as histórias das religiões histórias incríveis? Vejam agora a história daquele rabino obscuro, cuja vida não é documentada nem por arquivos judeus, nem por romanos, e cujos discursos simples e ingenuos fizeram cair o majestoso império romano, conquistaram, (o que Roma não conseguiu), todos os bárbaros, ultrapassaram o Orbis terrarum, modificaram a vida cotidiana de todo o Ocidente, inverteram quase todos os valores, criaram um mundo inteiramente novo: o nosso. É uma história tão fantástica, esta história da origem do cristianismo, que ninguém podia ter uma fantasia tão fértil para inventá-la. Ninguém, naquele momento histórico, nem os gentlemen sofisticados da Stoa, nem os sacerdotes abastados das divindades orientais em vias de conquistar o Ocidente, nem os escravos embrutecidos pela pobreza, nem os bárbaros famintos de terras férteis, nem os administradores das legiões e dos cofres públicos romanos, nem mesmo os rabinos preocupados com a pureza da palavra divina, podiam imaginar ou inventar a figura do fundador do cristianismo ou o seu progresso fenomenal portanto a história do cristianismo é por força verdade. O que surpreende a mim é o fato de que não parece mais surpreender a ninguém, que é aceita como a coisa mais natural deste mundo. Parece que ninguém se dá conta mais, que se trata de um milagre.

Diante um milagre, temos duas atitudes: crer nele ou tentar explicá-lo. A explicação, esperamos, mata o milagre. Tentarei, diante do milagre do cristianismo, a segunda alternativa, pois a primeira me é vedada. Mas já perdi a esperança, e o receio, de poder matar esse milagre. Não tentarei essa explicação com motivos econômicos ou políticos ou sociais, e quase não os mencionarei, porque os considero inúteis. As mesmas condições poderiam ter conduzido o mithraísmo à vitória, ou a Stoa, o plotinismo ou o culto da Isis. O materialismo histórico é, creio eu, ingenuo e levemente bobo. Tentarei explicar o milagre espiritualmente. Direi que os ensinamentos de Jesus funcionaram como um ímã, que atraíram em redor de si os pensamentos de todo o Ocidente, e que desta forma, igual a uma bola de neve, produziram uma levina que encobriu o mundo do Oeste. Isto, naturalmente, não explica a força de atração daqueles ensinamentos, e essa força continuará misteriosa. Mas explica até certo ponto a história posterior do cristianismo. As tendências espirituais do Ocidente eram, naquele instante histórico, inimaginavelmente complexas. Originaram no mundo inteiro, formaram nós, e se cruzaram para se separarem novamente. Dedicarei esta noite para discutir rapidamente essas tendências precristãs, ou pelo menos parte delas.

As religiões dos judeus e gregos já foram discutidas. Na época em questão era antiquíssimas e se tinham desenvolvido até serem quase irreconhecíveis. Entre os judeus tinham frutificado em Talmud, entre os gregos em filosofia. O tempo dos profetas pertencia a remota antiguidade. Deus não falava mais diretamente ao seu povo, e os grandes em Israel eram os rabinos, os doutores da pa-

lavra divina. O povo judaico se tinha espalhado pelos quatro cantos do mundo ocidental, existiam colonias importantes na Babilonia, na Persia, em Alexandria, na Tripolitania, na Mauritania, na Gallia, na propria Roma. Jerusalem era um centro espiritual mais do que politico, e a Palestina, com uma situação politica interna precaria, era um protetorado Romano, como tantos outros amigos e socios do povo romano nos limites orientais do imperio. Isto não impedia um nacionalismo radical judeu, em contraste com todas as demais nacionalidades dentro da pax romana, cuja razão religiosa já discutimos. O pensamento judaico era dividido em duas correntes, a corrente liberal, a saducea, e a orthodoxa, a fariseia, e eram os orthodoxos que dominavam. Trata-se de uma discussão basica para o judaismo, uma discussão fertil em resultados tanto para o judaismo como para o Ocidente em geral, e de certa forma essa discussão continua até os nossos dias. Simplificando radicalmente direi que se trata de duas atitudes fundamentalmente opostas para com a revelação divina: a orthodoxia é a humilde aceitação não sómente do espirito, mas também da letra da palavra divina, e, portanto, da aceitação paciente de toda tradição decorrente da palavra divina. O liberalismo é a tentativa de descobrir o espirito da palavra divina atravez de sua letra, para melhor poder segui-la. Estes dois conceitos da fé, a fé humildemente cega e a fé iluminada, acompanham a historia da Europa, todos nós temos de escolher entre os fariseus humildes e intolerantes ou os saduceus tolerantes e possessos pela praga da duvida. Entre os fariseus tinham surgido, no decorrer dos ultimos cento e cinquenta anos antes da época em discussão, varias seitas fanaticas, porque a orthodoxia nunca conhecerá extremos, e sempre haverá gente para os quais os mais orthodoxos ainda faltam em perfeita humildade. Essas seitas heterodoxas por sua propria orthodoxia (porque uma orthodoxia exagerada é uma heterodoxia) eram influenciadas por pensamentos persas, pois a Persia é a patria de toda orthodoxia exagerada, como mostrarei mais tarde. Eram também influenciadas por pensamentos indianos, eram seitas monasticas e esotericas e em geral extravagantes. A historia dessas seitas há muito esquecidas começa a ressurgir das brumas do passado graças á descobertas arqueológicas na Palestina, no Egito e na Jordania, e o que surge nos surpreende desagradavelmente. Porque é mais que provavel que Jesus surgiu de um desses grupos exóticos que hoje chamariam os Americanos de "socially unadapted" e os russos de "elementos antisociais".

Se os orthodoxos, os fariseus, eram influenciados pelo Oriente, os liberais, e os saduceus, o eram por ideas gregas. Em Alexandria a Biblia tinha sido traduzida para o grego, a famosa Septuaginta, e tinham surgido filosofos judeus no sentido grego dessa palavra. Philo, para citar o exemplo mais famoso, tentava em vã uma sintese entre o pensamento judeu e grego. Os liberais se esforçaram em descobrir o espirito da palavra divina mediante os instrumentos intelectuais fornecidos pelos gregos, eles tentavam iluminar a Biblia com a luz da filosofia. Essa tentativa continua até hoje, ela é tipica de certas tendencias liberais não sómente judias, mas também cristãs e islamicas, e tem algo de patetico e risivel. A luz clara e fria do pensamento grego não consegue iluminar a chama ardente e quente da Biblia, mas consegue ofusca-la. mas do ponto de vista civilisatorio não resta duvida que os liberais eram dez vezes mais civilizados do que os orthodoxos, e, como individuos, eram por certo mais simpaticos e trataveis. São Paulô, muito provavelmente, surgiu entre eles.

O povo judeu, a grande massa, vivia alheio a essas discussões, as massas são sempre passivas. Ele obedecia ás leis dos rabinos, por representarem a palavra divina, e ás leis do Imperio, por representarem a força brutal, e se rebelaram com heroismo simplesmente incrivel contra as leis imperiais quando estas pareciam contradizer as leis divinas. De resto trabalhava, sofria e esperava pela vinda do messias. Era entre esse povo que surgiam os primeiros cristãos, aqueles que, pouco mais tarde, morriam nos circos romanos.

Para os gregos o tempo homerico, o tempo dos Deuses e dos heroes, era tão remoto e lendario como o é para nós, estava perdido no poço do passado. Também esquecida era a fé ingenua, e evidente que tinha inspirado os seus antepassados. A filosofia que agora costumamos chamar de présocratica, aquela filosofia meio mística, meio precientifica de um Thales, um Anaximander, um Demócrito e um Pythagoras, parecia arcaica e não se compreendiam mais as perguntas que a tinham motivado. No centro do interesse daquela filosofia eram questões metafisicas, eles, os présocraticos, procuraram a materia prima do mundo. Mas

há centenas de anos se tinha perdida a esperança de descobrir a base do mundo e esta questão não interessava mais os espíritos especulativos. A religião dos antepassados tinha originado essa busca da verdade escondida atrás do mundo das aparências, e com a perda da religião também a busca tinha sido relegada ao subconsciente. Sócrates, Platon e Aristotéles eram, naquele momento, o que Descartes, Berkeley e Newton são hoje eram gigantes do passado, mas, ao serem admirados, eram também considerados ultrapassados. Os moços das famílias importantes estudavam na Academia platônica como hoje estudam em Cambridge, e de certa forma continuaram a corrente que tinha surgido com Platon. Mas as interpretações dadas ao seu ensinamento e o espírito que regia essas interpretações era totalmente novo. No centro do interesse estava não mais o mundo, nem a situação do homem no mundo, mas considerações, se me permitem dizer, de ordem existencialista. Um ceticismo radical quanto á possibilidade do conhecimento humano pervadia o ambiente. Um cinismo esclarecido tinha substituído o entusiasmo inspirado de Platon. Talvez seja a nossa geração a primeira que consegue compreender a fundo o desespero intelectual que predominava. Talvez sejamos os primeiros de compreender a fuga dos espíritos esclarecidos para o morno heroísmo da Stoa, para a felicidade não autêntica de Epicuro, para a brutalidade não menos falsa dos cínicos, para a fé forçada e mentirosa daquelas especulações filosóficas que conduziram até Plotino. Somos talvez a primeira geração em dois mil anos a compreender e simpatizar com o pensamento chamado helenista. Nós, tal qual eles, temos perdido a fé e queremos substituí-la. Husserl e Heidegger, Wittgenstein e Kussel são, de certa forma, contemporâneos dos filósofos helenistas, e os nossos neokantianos são irmãos gêmeos dos neoplatônicos daquele tempo. Naturalmente o paralelo, como qualquer paralelo, é falho. Não existia, naquele tempo, nem a nossa ciência nem a nossa tecnologia. Portanto o desespero helenista era diferente do nosso. Mas os institutos tecnológicos em Alexandria, com suas especializações absurdas que conduziram a progressos técnicos igualmente absurdos, são, de certa forma, precursores do MIT, e a própria Alexandria faz lembrar Nova York ou Boston. A arte tinha alcançado uma perfeição técnica e uma distribuição entre a massa nunca antes sonhadas, e existiam fabricas de copias artísticas que podem ser comparadas tão somente com as nossas fabricas de discos. Eram essas copias perfeitas, e não os originais pericleicos, que, por serem vivos, eram falhos, que inspiraram o nosso Renascimento, e por causa da perfeição das copias helenistas eram os gregos considerados, até há poucos anos, os mestres das artes.

O povo grego, tanto quanto o judeu, estava espalhado por todo o mundo ocidental, e tinha colonias na Espanha e na Gallia, bem como na Bactria e na Persia, era omnipresente. Mas a posição dos gregos no Imperio era bem diferente da dos judeus. Os gregos eram os descendentes, pelo menos em teoria, dos criadores do imperio alexandrino. Do ponto de visto helenístico os romanos tinham substituído os gregos politicamente no imperio alexandrino, mas em nenhum outro sentido. Culturalmente, economicamente, e em grande parte linguisticamente o imperio continuava grego. A lingua attica se tinha tornada a koine, a lingua comum, pelo menos no oriente do Imperio e pouco mais tarde, quando a Capital foi transferida para Bizâncio, tornou se a lingua oficial do governo. Eram portanto os gregos politicamente impotentes, mas na realidade o povo governante do imperio romano, pelo menos na sua propria opinião, sinão na dos romanos.

A perda da religião ancestral, que tinha resultado entre as elites nas filosofias do desespero, resultou, entre as massas, numa flora surpreendente de crenças fantásticas e nem menos inautênticas provindas do Oriente. Mithras, Isis, Horus, Adonis, os misterios babilônicos e os ritos sexuais siríacos se espalharam, em vestes gregas, pelo Imperio adentro. Tal qual hoje Bahá, a antroposofia ou as seitas fantásticas se se derramam pelos Estados Unidos. Essas crenças eram organizadas por sacerdotes detidos de alto espirito comercial e que se diziam de origem oriental ou de ter estudado no Oriente. O ambiente era uma mistura de verdadeira fé e charlatanismo, tão típico também da nossa época, e tão nefasto. É para esse povo que São Paulo escrevia as suas cartas, e é desse ambiente, tanto filosófico como religioso, que surgiram os Padres da Igreja.

nos limites orientais do imperio e em constante conflito com ele se esten-
dia o Estado dos Parthos. Teoricamente continuadores do imperio persa, os
Reis dos Parthos reclamavam o dominio sobre o mundo inteiro. O titulo offi-
cial desses monarcas era: Superrei de todos os povos arianos e não arianos.
Arianos eram, naturalmente, somente os Persas, daí a palavra Iran. Como se
ve, Hitler não tinha estudado historia no ginasio. Essa pretensão ao gover-
no mundial tinha base religiosa. Em tempos antiquissimos e já de tudo es-
quecidos tinha surgido entre os persas o unico e verdadeiro profeta, Zara-
tushtra, que tinha revelado definitivamente o segredo do mundo. Este se-
gredo é a tensão dialectica que pervade o mundo. A luta entre os filhos
da luz, Ahura-Mazda, e os filhos das trevas, Ahriman, está no fundo de to-
dos os acontecimentos. Todo fenomeno, se analisado, revela o seu aspecto
luminoso e seu aspecto escuro, todo fenomeno é um campo de luta. E quanto
ao homem, todos nós somos ao mesmo tempo soldados de um dos dois exercitos,
e campos de luta entre eles. Somos divididos contra nós mesmos, e estamos
em luta contra uma metade de nossas proprias almas, e contra uma metade do
mundo. O importante é saber qual a metade a escolher, o importante é de-
cidir-nos para a luta boa. Os ensinamentos de Zaratushtra mostram teori-
camente, praticamente e magicamente o caminho a seguir nessa luta sem tre-
gua. Esse caminho é social, não pode ser seguido individualmente. O Esta-
do em geral, e o Estado persa em particular, é o executor deste programa
metafisico de Zaratushtra, e o Rei dos Reis é o encarregado da luz, ele
governa pela graça divina. Quem desobedece o Rei dos Reis, está automa-
ticamente integrado nas hostes de Ahriman, uma revolta contra o governo é
automaticamente a favor do djabo. O rei dos persas é o comandante terrestre
na luta antidiabolica, e os seus delegados, os satrapas, são coroneis no
exercito que luta contra as trevas. O Estado e a religião se fundem total-
mente, e o Estado é obrigado a organizar a vida publica e privada de cada
sudito por dever religioso. O resultado nos tempos passados dos achemeni-
dos era a organização paracomunistica do Imperio em satrapias, com seu sis-
tema rigido de impostos e com seu conceito religioso do imposto sobre a ren-
da. Este conceito predomina ainda hoje no Islam, e não é difficil descobrir
as suas influencias também sobre o pensamento da Igreja. O imperio dos Par-
thos, copia fraca e decadente do Imperio achemenida, de esforço por manter
vivas as tradições de um glorioso passado, a despeito da impossibilidade pra-
tica patente de conseguir o dominio sobre o mundo, religiosamente indispen-
savel. Podemos ver um paralelo dessa situação no conceito do califato no
Islam moderno. A desproporção entre as aspirações teoricas e as possibili-
dades praticas do governo dos Parthos produziu, como é natural, um clima de
frustração que gerou um absolutismo intolerante, brutal e ignorante, em bre-
ve uma orthodoxia da decadencia conhecido em sua pureza somente em nossos
dias.

Para o Imperio romano as influencias desse pensamento chegaram em forma de-
turpada. O Mithraismo, distribuido entre os povos do Imperio romano por
missionarios persas e por charlatões domesticos, é uma forma vulgar do Maz-
daismo, como a Teosofia é uma forma vulgar dos ensinamentos dos Vedas. Aos
olhos de um judeu ou grego culto devia ter parecido que essa forma vulgar
de uma religião brutal estava em vias de conquistar o mundo. Isto não acon-
teceu graças ao cristianismo, mas subconscientemente grande parte do pensa-
mento persa se refugiou na religião cristã. Os primeiros cristãos não ju-
deus eram profundamente influenciaods por essa ordem de ideias, e o con-
ceito de orthodoxia cristã com sua consequencia, a heresia, a briga entre
teologos, a intolerancia tão contraria ao espirito do cristianismo e ao
mesmo tempo tão tipica da sua pratica, as tendencias cristãs para o comu-
nismo, a preocupação com o diabo, tudo isto é de origem persa. Hoje essas
tendencias são mais visiveis nas Igrejas Orthodoxas do Oriente do que na
Igreja catholica ou no protestantismo, por razões geograficas, evidentemen-
te. Mas a instituição do Papa, com sua tiara persa e sua infalibilidade, é
tipicamente mazdaista. O que a reforma combatia era justamente o lado per-
sa da Igreja, para salvaguardar o lado judeu. Isto explica o fanatismo dos
protestantes, que é essencialmente judeu, e a brutalidade dos inquisidores,
essencialmente persas. Mas, como já disse, a influencia persa é mais viva

no oriente cristão, é claramente visível na Rússia moderna. Sabem que em teoria o marxismo dominante provem do Ocidente e é profundamente cristão e judeu, em pratica se modificou profundamente na Rússia para se tornar orthodoxo no sentido bizantino da palavra. Reconhecemos todos os elementos da Igreja orthodoxa na pratica diaria da União soviética, e com esses elementos reconhecemos os persas. A luta brutal contra heresias, contra troztkismos e titosismos, é, no fundo, a luta entre os filhos da luz e os filhos das trevas. A infalibilidade do secretario geral do Partido é a infalibilidade do Rei dos Reis e o exercito vermelho é, em ultima analise, o exercito de Cyrus e Cambyzes. A propria dialectica materialista, sabem que originada em base da filosofia romantica alemã, assumiu caracter mazdaista entre os muros da Santa Mãezinha Moscou, e não resta duvida que o Capitalismo, a tese superada da antitesis revolucionaria, esse capitalismo representa as hostes das trevas, as hostes de Abriman em vias de serem finalmente vencidas. O sonho de Zaratushtrá, tanto tempo em suspenso, está se realizando, não mais atravez do Estado athenida, mas atravez do Estado soviético, se bem que em vestes judaicas, gregas, cristãs, e finalmente, modernas. Afinal das contas, não faltava muito que aos suditos da União soviética era dado aproximar-se do trono de Stalin deitados na barriga e beijando o pé sagrado que o pé do bem amado secretario geral tinha pisado, exatamente como o faziam os suditos de Darius.

A influencia persa se faz sentir tambem atravez do Islam, que não é outra coisa do que a fusão do judaismo, cristianismo e mazdaismo, mas deixarei este problema para o futuro. Quero submeter á sua atencão somente o seguinte pensamento. Somos testemunhas, atualmente de um renascimento do Islam virulento. A Guerra santa, há tanto tempo parte de lendas medievais, está se tornando uma possibilidade de um futuro não muito remoto. Imaginem o que aconteceria, se, de repente, o comunismo russo e o Islam nasseriano se lembrassem que são virtualmente irmãos gêmeos, que vem das mesmas raizes e querem a mesma coisa. se descobrissem que o comunismo russo é um Islam moderno, com suas escritas sagradas, as escritas de Carlos Marx, com suas Hadj para Moscou, a cidade sagrada, com seus derviches fanaticos, os commissarios e agitadores, com suas festas populares, e com seu Califa. Ou que o Islam é um precursor do comunismo, com sua adoração do Estado, com seu repudio do capital privado, com sua insistencia sobre o racionalismo, com seu otimismo quanto ao Paraizo sobre a terra. Não se abre a possibilidade de uma união de forças praticamente irresistiveis?

Interrompo aqui a minha descrição do mundo no começo da nossa era. Não quero repetir o erro de falar demais numa unica noite. Reservarei portanto a metade Ocidental do Imperio romano, a outra metade do mediterraneo, para a proxima semana.